

Às margens do Boyne: O'Donnell em tradução

Ana Flávia Will
Mirian Ruffini

Resumo: Este trabalho objetivou empreender a tradução do conto “Walking Ghosts”, de Mary O'Donnell, para a língua portuguesa brasileira, com enfoque na transferência cultural, estilística e linguística da obra. Buscou-se a aproximação de vocábulos, expressões e construções na tradução com as formas de escrita da autora, de forma a oferecer uma pintura tangenciada da Irlanda, das personagens e das interações, descritas no texto, ao leitor do português brasileiro. A transposição da sensibilidade e perspicácia do conto e suas temáticas foram igualmente almejadas, resultando em uma tradução potencialmente estrangeirizante.

Palavras-chave: Mary O'Donnell; Fantasma Errantes; Tradução.

Abstract: The aim of this study was to translate Mary O'Donnell's short story “Walking Ghosts”, into Brazilian Portuguese, with a focus on the transference of cultural, stylistic, and linguistic aspects of the text. The approximation of the translation's vocabulary, expressions, and constructions to the forms the author used was sought so that a close picture of Ireland, characters and their interactions, as described in the text, could be offered to the reader of Brazilian Portuguese. The transposition of O'Donnell's sensitivity and wit, which are present in her short story and its theme, were also observed, resulting in a potentially foreignizing translation.

Keywords: Mary O'Donnell; Walking Ghosts; Translation.

Introdução

Tradução não é tarefa simples. Traduzir Mary O'Donnell também não foi. Conhecer O'Donnell, entretanto, mesmo que apenas por meio de suas

palavras, foi um contato gratificante e encantador com a literatura irlandesa contemporânea.

Mary O'Donnell é professora, poetisa e autora de romances e contos de ficção. Nasceu em 1954, em Monaghan, na Irlanda, e já recebeu uma série de premiações por seu trabalho. Tem se destacado nos últimos anos no contexto literário irlandês, majoritariamente dominado por homens, e segue com contínuas publicações (O'Donnell, 2023).

Alguns de seus poemas estão disponíveis em Português Brasileiro e em Húngaro. Seus contos, todavia, foram traduzidos apenas para o Espanhol – até então (O'Donnell, 2023). Em setembro do corrente ano, a autora esteve em terras brasileiras para participar de evento literário e do lançamento de seu livro de poemas *Onde Estão os Pássaros*, traduzido pela curitibana Luci Collin (Curitiba, 2023).

O conto *Walking Ghosts* foi escolhido ao acaso para essa tradução. Nesse caso, o “acaso” foi encontrá-lo em publicação aberta disponível online. O'Donnell conta com uma considerável quantidade de obras publicadas, mas pouquíssimas obras estão disponíveis no Brasil. No máximo, é possível encontrar alguns de seus livros de contos à venda em alguns sites, mas a altos preços e prazos.

Quando iniciamos esse projeto, ao buscar por textos da escritora como possíveis objetos de tradução, acabamos esbarrando neste, que havia sido publicado em um renomado jornal irlandês havia menos de uma semana. A leitura é rápida e fluida; as descrições, idílicas e pitorescas; os diálogos, curtos e levemente marcados por expressões e gírias. O conto convenceu e logo estava sendo traduzido.

Não há muitos elementos que permitam localizar o conto no tempo, mas há menção a cabines que foram construídas em tempos de pandemia da Covid-19, o que implica que o enredo toma forma em algum momento do ano de 2020 ou dos anos seguintes.

Um outro ponto bastante relevante é a canção à qual a protagonista faz menção ao final do texto. Ao leitor brasileiro desavisado, não passa de uma menção inocente. A referência, todavia, é bastante relevante para a compreensão do conto.

“*The Green Grassy Slopes of the Boyne*” é uma canção folclórica irlandesa, patriótica e de teor histórico (Scott, 2013). A letra faz referência à Batalha do Boyne, ocorrida em julho de 1690, quando os exércitos do Rei Guilherme III da Inglaterra e de seu antecessor, o exilado Rei James II, travaram batalha pelo trono às margens do Rio Boyne, culminando em uma trágica derrota do exército rebelde (Hudson, 2023). Mais do que recontar

os feitos do exército do rei, a canção também servia para “testar a lealdade” dos súditos. O trecho “I hope in the chorus you’ll join” [“Eu espero que você se junte ao coro”] convida o ouvinte a acompanhar a música, para fins de entretenimento e também porque os que permaneciam em silêncio diante de uma canção tão “patriótica” poderiam ser confundidos com simpatizantes da causa rebelde (Scott, 2013).

Assim, a menção à letra da música, o título do conto, *Walking Ghosts*, e o dilema de Jane em vender sua terra ou permanecer nela nos permitem tecer nossa interpretação como leituras e tradutoras desta bela obra de prosa curta ficcional. Com a morte de sua mãe, Maggie, Jane se vê forçada a retornar à fazenda de sua família, em uma parte remota no campo da Irlanda. Jane nutria planos anteriores para a propriedade, como uma reforma e modernização, especialmente da casa, e a realocação de sua carteira de clientes para essa nova realidade.

Porém, ao se deparar com o fato de que está sozinha e ao receber uma proposta de compra de Kelly, o fazendeiro vizinho, Jane confronta o arrendatário das terras, Ivor Wilson. Wilson, de certa forma, também arrendava parte das terras que alugava dos pais de Jane para Seymour, um criador de ovelhas idoso dos arredores. Com a necessidade da venda iminente, ambos ficarão sem a terra para trabalhar e viver.

A própria Jane passa a refletir que obterá dinheiro com o negócio, mas que não mais possuirá sua terra, que era aquela de sua família. A menção à música sobre o campo de batalha, os mortos e os possíveis fantasmas ambulantes exerce um impacto forte em Jane, que aparentemente faz um paralelo entre os fatos históricos e as relações conflituosas entre ela e seus vizinhos. Ao mesmo tempo, parece se ver na imagem da filha de Wilson que, absorta em seus afazeres, não percebe que em breve será destituída de parte de sua terra e de suas raízes. Jane menciona a cabelos ruivos dessa filha, possivelmente remetendo à característica irlandesa e à sua própria identidade, ligada à terra e suas raízes. Outra possibilidade de interpretação, entre infinitas outras, seria de que a imagem dos cabelos prateados da mãe de Jane, que invadiam seus pensamentos anteriormente, teria sido substituída pela imagem dos cabelos ruivos da filha de Wilson, com a substituição do antigo pelo novo, da morte pela nova vida da protagonista.

A tradução do conto certamente se mostrou desafiadora, em especial pelas marcações de variação linguística. “Smackeroo”, por exemplo, é uma expressão que pode ser compreendida em sentidos muito diversos, desde “batida” e “beijinho” até “dinheiro” (Dictionary.com, 2018), como era o caso. Entretanto, se a autora não usou “money”, não fazia sentido traduzir o termo meramente como “dinheiro”.

Quais outros termos mais informais utilizamos para se referir a isso, mantendo o mesmo nível de informalidade linguística? Grana, prata, tostão e tantas outras variações talvez servissem tão bem quanto a escolhida. Ainda assim, optou-se por “mangos” – mera discricionariedade do tradutor.

Outro bom exemplo é o termo “wee”, que pode ser traduzido como “pequeno” (Cambridge Dictionary, 2023) com uma pitada de tempero regional. “Um tiquinho” pareceu uma boa alternativa. Em outro trecho, “wee path” se tornou “carreirinho” e, em seguida, “caminho pequenino”, enquanto “wee thing” foi transposta como uma “coisinha”. Tentou-se, aqui e em outras passagens do texto, manter-se a informalidade do registro, fosse ele em trechos conversacionais ou de prosa.

Além das expressões informais locais, as transposições culturais e estilísticas fizeram parte desse desafio tradutório. O'Donnell escreve em um estilo bastante fluido, com frases curtas e marcantes, conferindo movimento e andamento particular às ações dos personagens e aos pensamentos da protagonista. A decisão tradutória desse aspecto foi procurar manter, sempre que possível, essa marca da autora, de forma a oferecer uma escrita próxima da estética originária genial de O'Donnell.

A tendência geral da tradução aponta para a estrangeirização, segundo Lawrence Venuti (2002)¹, visto que almejamos aproximar muitos termos, descrições dos locais e formas de fala e comunicação daqueles utilizados por O'Donnell no seu texto fonte. Alguns exemplos da nossa tentativa de preservação de termos locais ou culturais poderiam ser: “[...]um lago com permissão para pescar *a lake, with fishing rights*; O casaco escuro e lustroso de *vison* de Maggie/ *Maggie's dark and gleaming mink coat*; pias Belfast/ *Belfast sinks*; penteadeiras e guarda-roupas eduardianos/ *Edwardian dressing-tables and wardrobes*.”. Estes vocábulos ou expressões não necessariamente fazem parte do contexto brasileiro, como precisar de uma licença para pesca em um lago local, ter casacos de *vison*, pias Belfast ou móveis eduardianos.

1 Lawrence Venuti, em seu livro *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*, de 2002, aproveita a noção apontada por Friedrich Schellermacher de levar o leitor ao texto ou o texto ao leitor. Venuti cunha os termos estrangeirização, na qual a tradução se aproxima dos aspectos culturais, linguísticos e estilísticos do texto fonte e muitas vezes deixa um resíduo marcando que o texto se trata de uma tradução. O oposto do contínuo seria a domesticação, em que a tradução seria mais fluente e se aproximaria mais da cultura e língua de chegada.

Assim, nossa opção foi pela manutenção desses itens lexicais proximamente aos termos em língua inglesa.

No que tange às descrições dos locais e dos personagens, citamos “um bangalô com vista para o mesmo lago que o terreno adjacente de Jane tangenciava/ *a bungalow with a view of the same lake Jane’s adjacent land overlooked.*; Seu cabelo era preto como o de um corvo e ele ficava bem com seu jeans amarrotado, mesmo com galochas. Ele também estava limpo, cheirava a suor fresco. / *His hair was raven black and he wore his creased jeans well, even with wellies. He was clean too, smelling of fresh sweat.*; Encontrou-se diante de uma casa quadrada de fachada de pedra com cunhas de granito e um telhado baixo de ardósia. / *She found herself before a square stone-fronted house with granite quoins and a deep lead-slatted roof.*; A saia curta, as pernas finas em botas justas de camurça marrom, uma blusa justa e verde com babados nos ombros e o cabelo que esvoaçava sobre os ombros em um amontoado avermelhado. / *The short skirt, slim legs in snug brown suede ankle boots, a tight-fitting green top with a frill on each shoulder, and hair that flowed out and round her shoulders in an auburn mass.*” Aqui a tentativa foi da transferência, mesmo que tangenciada, das construções descritivas da escritora, com vistas a fornecer um panorama pictórico semelhante àquele disponível ao leitor de língua inglesa. As expressões cunhadas por O’Donnell, por meio de sintagmas nominais (como *snug brown suede ankle boots*), metáforas (como *raven black*) e frases surpreendentes (como *He was clean too, smelling of fresh sweat*) atribuem ao texto, às palavras e às personagens vida além das folhas de papel.

No caso das falas e interações entre os personagens, podemos destacar a linguagem poética de O’Donnell nestes trechos, a qual buscamos transpor em nossa tradução: “Ele recolheu suas palavras como um garimpeiro, arrastando-as de alguma mina profunda.” / *He gathered his words like a prospector, dragging them up from some deep mine.*; seus olhos azuis perfurando-a, o rosto como uma ardósia de incompreensão. / *his blue eyes boring into her, face like a slate of incomprehension.*” A sensibilidade do conto, das relações humanas versus financeiras, presentes no enredo, são marcas insubstituíveis da escrita da autora. Nossa decisão por uma aproximação da criação desse efeito foi crucial para oferecer cores, mesmo que apenas próximas, desse matiz da rica literatura de Mary O’Donnell.

Fantasmas Errantes, o título escolhido pelas tradutoras, é uma tentativa de trazer também a prosa cativante de Mary O’Donnell para o português

brasileiro, para que o leitor brasileiro tenha contato com a fascinante contadora de histórias que a poeta também é. A erraticidade que se imprimiu no título faz menção a uma miríade de elementos centrais que o conto interliga: os fantasmas do campo de batalha que, após a guerra, ficaram à deriva, sem rumo, mas, ao mesmo tempo, sem conexões terrenas; Wilson, que arrendava a propriedade de Jane, e Seymour, o fazendeiro que sublocava os pastos para as ovelhas, ficaram sem as terras de onde tiravam seu sustento após a venda do terreno para Kelly; a própria Jane, que, ao vender a terra, teria o dinheiro, mas não teria mais nada – nem terra, nem raízes, nem sonhos antigos, nem mesmo um porto-seguro, um lugar para onde voltar. Seriam(os) todos *errantes*.

Referências bibliográficas

CAMBRIDGE DICTIONARY. *Wee*. Cambridge University Press and Assessment, 2023. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/wee>. Acesso em: 22 out. 2023.

CURITIBA. *Veja os livros que serão lançados no Festival da Palavra de Curitiba*. Fundação Cultural de Curitiba, Curitiba, 26 set. 2023. Disponível em: <http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/noticias/veja-os-livros-que-serao-lancados-no-festival-da-palavra-de-curitiba/>. Acesso em: 28 out. 2023.

DICTIONARY.COM. *Word of the day: Smackeroo*. Dictionary.com, 28 dez. 2018. Disponível em: <https://www.dictionary.com/e/word-of-the-day/smackeroo-2018-12-28/>. Acesso em: 24 out. 2023.

MARRIAM-WEBSTER Dictionary. *Smackeroo*. Merriam-Webster.com, 2023. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/smackeroo>. Acesso em: 25 out. 2023.

O'DONNELL, Mary. *Mary O'Donnell – Poet & Author*. 2023. Disponível em: <http://www.maryodonnell.com/>. Acesso em: 1 jul. 2023.

O'DONNELL, Mary. *Walking Ghosts*. *The Irish Times*, 15 Jun. 2023. Disponível em: <https://www.irishtimes.com/culture/books/2023/06/15/walking-ghosts-a-short-story-by-mary-odonnell/>. Acesso em: 1 jul. 2023.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villel, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. Revisão técnica Stella Tagnin. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

As tradutoras

Ana Flávia Will: Bacharel em Direito pela Faculdade Mater Dei, Licenciada em Letras Português-Inglês e Mestre em Letras pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Atualmente, cursa Especialização em Tradução Profissional pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Mirian Ruffini: Prof. Dr.^a em estudos da tradução com estágio pós-doutoral na UFSC-PGET, Mestre em Letras, Especialista e licenciada em Letras Português/Inglês e respectivas literaturas. Prof.^a do Departamento de Ciências Humanas do Campus de Londrina da UTFPR, Professora do Mestrado em Letras PPGL-PB. Membro do GELCON/CNPQ. Áreas de Interesse: Tradução Literária, Estudos da Tradução, Literaturas de Língua Inglesa, Literatura Comparada.

Fantasma errantes

Mary O'Donnell

(Tradução de Ana Flávia Will e Mirian Ruffini)

A mãe de Jane havia falecido em fevereiro. Naquela primavera, a tentadora expectativa de terra sendo colocada à venda, como o cheiro inegável de esterco pulverizado, pairava no ar sobre os campos, contorcendo-se pelas sebes, por debaixo dos galhos e adentrava as narinas de muitos fazendeiros.

Assim que David Kelly soube da morte de Maggie Mooney, não perdeu tempo em se oferecer para vir de Tyrone. Era muito cedo, disse Jane ao telefone em abril. Sua mãe mal havia sido enterrada. Ela não tinha se decidido sobre o que fazer. Talvez ele pudesse ligar de novo no outono.

Ela não tinha pressa. Poderia fazer o que quisesse com a pequena fazenda de campos verdes e doces, com fachada para a estrada em ambos os lados da colina sobre a qual se estendia. Havia até mesmo um lago com permissão para pesca. Anos antes, Jane havia planejado construir uma casa revestida de madeira com dois quartos enormes, uma área aberta no térreo e um cômodo à parte para trabalhar com arquitetura. Em uma parte alta do terreno do lago, com a melhor vista para ele. Haveria aquecimento geotérmico, energia solar e que se danem as despesas. Ela voltaria para seu condado natal, se instalaria, faria projetos para uma nova clientela próxima à divisa e assistiria ao pôr do sol até cair de sono.

Mas a realidade da morte de Maggie mudou sua forma de pensar durante o verão, enquanto ela empacotava a velha casa, enquanto seu coração chiava e se desfazia com a ausência. Lembranças de sua mãe de cabelos prateados agitavam-se constantemente em seu pensamento. Ela havia ficado deitada, pequena e paciente esperando por libertação, na sala de estar do andar térreo, por três meses antes do fim, enrijecendo, sua voz enfraquecendo, embora não houvesse nada de errado com ela além da chegada da morte. Havia também a perda material de coisas para as quais ela agora não tinha espaço. Apegos, mesmo inúteis. Ela aprendeu mais sobre os gostos das pessoas. Como ninguém queria móveis marrons ou belas porcelanas antigas, e nem tinham apetite por prataria entalhada. O casaco escuro e lustroso de *vison* de Maggie tinha ficado para uma de suas cuidadoras que gostava dessas coisas, mesmo que nunca fosse servir nela e provavelmente fosse vendido. Tudo se resumia a dinheiro e vantagem.

No trabalho, ela projetava casas. Se as pessoas estivessem felizes, seu trabalho estava feito. Os clientes queriam, como extensão, contornos que atraíssem o sol e a luz para que

pudessem internalizar o jardim, seja lá o que isso significasse. Queriam couro moderno e mármore e granito, concreto polido, e queriam torneiras de latão escovado e pias Belfast. Ela assistiu enquanto várias penteadeiras e guarda-roupas eduardianos de sua mãe entravam na caçamba nos fundos da casa. Doou alguns móveis para pessoas mais jovens que reutilizariam as peças, o que significava uma camada de tinta *eau-de-nil* e a aplicação de uma leve lixa para deixá-las parecendo gastas e antigas, – mas elas já eram antigas, droga!

O lugar vendeu rápido, com exceção da fazenda que ficava do outro lado da estrada e era um assunto à parte. Sem perder tempo, o novo casal lhe informou que eles demoliriam a casa. O que eles estavam prestes a construir não era tão diferente daquilo que ela havia projetado em seu escritório em Drogheda. Design contemporâneo. Branco. Preto. Cinza. Peças de revestimento enferrujado como detalhe da elevação oeste. Reprimiu um sorriso irônico quando a nova proprietária a informou que encomendaria um par de pavões, que seria ótimo tê-los em um jardim tão maduro. Ela se perguntou o que eles pensariam quando os pavões começassem a defecar por toda parte, o que eles fariam, gritando por todo o lado, dia e noite.

A terra era outra questão. David Kelly, fiel à sua palavra, telefonou novamente em setembro. Eles se encontraram em uma sexta-feira, no café de uma loja de ferragens qualquer. Estava abarrotado de mulheres com rostos endurecidos como madeira, sentadas próximas umas às outras, algumas usando maquiagem, outras não. O barulho da máquina de café era ensurdecedor, mas a salada grega que ela colocou na boca fez lembrar das últimas férias que passou com Maggie, em Rodes. Isso foi quando viajar com a mãe não exigia um exército de cuidadores, antes de tudo aquilo se tornar demais para Jane, que viajava com sedativos na bolsa.

Kelly tinha em mente anexar as terras dela com sua outra propriedade, recentemente adquirida após a morte do fazendeiro McGrory, que deixou um bangalô com vista para o mesmo lago que o terreno adjacente de Jane negligenciava. Ele tinha dinheiro em mãos, disse a ela ...

“Eu posso pagar quinze mangos, fácil, fácil, como entrada.”

Ela não disse nada, consciente dos olhos aqui e ali oscilando em sua direção.

“Vou precisar do fim de semana para pensar um tiquinho”, disse a ele.

“Ótimo”, disse ele. “Não tenho pressa, não me entenda mal, Jane.”

Ela gostou da forma como ele pronunciava seu nome, lenta e cuidadosamente.

Na segunda-feira, ligou para ele e anunciou que estava decidida.

“O que posso fazer sozinha com este lugar”, ela repetiu seus pensamentos em voz alta ao telefone. “Meu marido se foi e minha filha está em Perth, não consigo me virar. Se eu ainda morasse por aqui, seria diferente, mas eu moro em Drogheda.”

“Bem, o que quer que você decida, Jane, não estou apressando você de forma alguma, está bem? Sem pressão.”

“Ah, eu entendo, Joe, mas sou eu, não consigo ver outro caminho. É melhor assim.”

Eles combinaram de se encontrar novamente, desta vez do lado de fora da loja de ferragens, em uma das cabines de café que foram construídas especialmente por causa da Covid. As pessoas ainda conseguiam estar juntas, mas frente a frente. Desta vez, ele trouxe um maço de dinheiro. Os olhos dela acompanharam a mão dele enquanto retirava o grosso volume de notas de sua calça. Ela podia sentir o odor fétido de dinheiro usado, o fedor de coisas encontradas principalmente no intestino humano e animal. Mas as notas eram boas e, sem demora, ela guardou quinze mil euros em sua bolsa de palha.

Ele precisava providenciar o restante do dinheiro e entraria em contato na semana seguinte. Ela poderia vir? Ela podia, assegurou-lhe. Ele traria outra parcela, mais vinte mil como garantia. O resto ela teria que esperar, mas se ela pudesse aceitar isso em boa fé, ele ficaria grato.

“Então vamos em frente?”, Ele perguntou de repente, ainda precisando de garantia.

“Vamos”, disse ela baixinho.

Ele não era alto. Seu cabelo era preto como o de um corvo e ele ficava bem com seu jeans amarrotado, mesmo com galochas. Ele também estava limpo, cheirava a suor fresco. Ela gostava de um homem que se limpava e suave e depois se limpava de novo. Ela se perguntou de uma forma quase culpada o que Maggie pensaria dessas negociações. Ou seu pai, que sempre esperou que ela voltasse para construir uma casa na outra colina.

As pessoas entravam e saíam da loja de ferragens. Era um dia chuvoso. Enquanto tomavam seu café rapidamente, poças se acumulavam ao redor deles e uma úmida névoa ondulava no ar. Uma mulher que ela conhecia a cumprimentou.

“Claro, não te vejo desde que sua mamãe faleceu”, disse sorrindo.

“Ah, não se preocupe”, respondeu Jane, ansiosa para que não houvesse nenhum mal-entendido sobre o motivo de ela estar conversando com um estranho em um ambiente tão íntimo. “Ela se foi, amparada pela enfermeira da morfina, devo dizer.”

“Ah, claro, para os braços de Morfeu, como dizem,” refletiu a outra mulher. Jane esperou que ela saísse.

Kelly e Jane observaram a mulher correr para o carro, o guarda-chuva aberto.

“Porém, há uma coisinha”, disse ele. “Gostaria de que a terra fosse liberada antes do final do mês que vem. Preciso continuar limpando tudo, aparando as sebes.”

Ele explicou que não queria nenhuma hostilidade com o inquilino que arrendava as plantações há dezoito anos. Mas teria que ser limpo. Havia gado e ovelhas e... – ela percebeu que Ivor Wilson estava sublocando o terreno para o Seymour Baldwin? Ela o encarou lívida. Ele assentiu para reforçar seu ponto.

“Tem um carreirinho no topo do campo alto, você conhece, um caminho pequenino, gasto? Cercado dos dois lados?” Ela assentiu. “Era por ali que Baldwin atravessava com suas ovelhas para entrar no terreno junto ao lago. Isso vem acontecendo há muito tempo, – oh, estou surpreso que nem você nem sua mamãe soubessem.”

Ele deixou-a refletir por alguns momentos. Isso a irritou, em parte porque Kelly pensava que tinha uma vantagem sobre ela, embora ela não tivesse reagido muito além de comentar que Wilson nem mesmo tinha se compadecido com ela quando sua mãe morreu. Ele não se dignou a dirigir os três quilômetros de estrada para fazer uma visita pessoalmente. Em vez disso, ele enviou um pequeno cartão sem graça com as palavras *Mais profundas condolências. Ivor Wilson*. Ela não deu muita importância quando o leu.

Eles concordaram que seus advogados trocariam correspondências. Haveria escrituras para examinar, mas tudo daria certo. Ela sabia que sim. Então ela o provocou com mais dois acres que oficialmente pertenciam ao pedaço de terra que ele queria, mas que ficavam do outro lado da estrada, graças ao realinhamento da rodovia cinco anos antes. Ele poderia ter aquele pedaço também, ela o assegurou. Ela observou seus olhos brilharem. Ele estava atrás de algo. Custaria mais vinte mil. Um preço justo, isso ele veria, sem intermediários ou idiotas em escritórios procurando taxas e porcentagens.

*

Ela voltou para a cidade cinco dias depois e foi até a casa de Wilson. Ele sempre foi um nome e pouco além disso. Ele deixava o aluguel anual pontualmente, todo mês de novembro, na porta da frente da casa de sua mãe, em um envelope fino sem nada escrito. Sua assinatura no cheque era sua palavra. Para ela, Wilson era bastante invisível, um fazendeiro arrendatário.

Era uma estrada alta e sinuosa, com campos viçosos em ambos os lados, que pertenciam a ela. Wilson não teve nenhum cuidado especial com as cercas ou sebes. Não houve poda ou modelagem, mas ele fertilizou os campos e a grama estava viva e verde. Ela nunca prestou atenção ao exato local em que ele morava, nunca precisando visitá-lo antes.

Encontrou-se diante de uma casa quadrada de fachada de pedra com cunhas de granito e um telhado baixo de ardósia. Ao redor da porta, uma rosa errante, que ela reconheceu como *Albertine*, estava desabrochando. Essa era a casa de Wilson? Ela não fazia ideia de que ele morava em um lugar assim. O vidro das janelas era vitrificado e o alpendre fundo conduzia a portas duplas de teca. Havia uma aldrava de latão brilhante com uma cabeça de leão, igual à aldrava menos polida da porta na velha casa do outro lado da colina. Abaixo dela ficava uma maçaneta redonda de latão com motivos florais. Cuidado e dinheiro foram investidos na construção do lugar, que era moderno. Wilson havia prosperado.

Ela bateu levemente. O som ecoou lá dentro e ela podia assegurar que o corredor era grande. A porta se abriu. A jovem que a cumprimentou com uma expressão vaga só poderia ser a filha da casa. Casada, ela constatou, pelo anel de ouro e diamante na mão esquerda.

“Esta é a casa de Ivan Wilson?”

A garota, que segurava um telefone celular em uma das mãos, balançou-o casualmente na direção de Jane e disse que ligaria para o Papai. Ela parecia agradável, mas não estava nem remotamente interessada, isso estava claro. Envolvida em seu próprio dia, não

sem razão. Uma professora, suspeitava Jane, possivelmente uma professora do primário na Escola Modelo, a julgar pela hora da tarde e pela liberdade de estar em casa às quatro da tarde. Tudo perfeitamente perfeito em sua aparência também. A saia curta, as pernas finas em botas justas de camurça marrom, uma blusa justa e verde com babados nos ombros e o cabelo que esvoaçava sobre os ombros em um amontoado avermelhado.

Assim que a filha ligou para o pai, Ivan Wilson apareceu do nada. Ela presumiu que ele devia estar em um dos celeiros de metal bonito e brilhante, na parte de trás da propriedade, e ouvira o carro dela se aproximar. Ele tinha a cara de um típico fazendeiro. Cara robusta. Cara honesta. Cara de não-sou-bobo. De qualquer forma, ela conseguia imaginá-lo em um avental de fazendeiro, aquele tipo de traje usado no interior de Sussex no século dezenove. Com isso, ela reprimiu um sorriso.

“Sim?” Ele a encarou e esperou.

“Você provavelmente sabe quem eu sou”, ela respondeu, estendendo a mão para apertar a dele. Seu aperto rápido era firme e seco, nem fraco nem arrogante.

“Sei, sim,” respondeu ele educadamente. Ele esperou. Isso a deixou um pouco nervosa. Não houve seguimento, nenhuma frase agradável e algodoada como aquelas a que ela estava acostumada. Nenhum *oh, você é a filha do JD, um verdadeiro cavalheiro, se é que já houve um*; nenhum *ah, lamento muito que sua querida mamãe tenha falecido, embora rapidamente, pelo que ouvi*. Nada disso. Então ela se virou diretamente para ele.

“É sobre a terra”, começou. “Vou vender.” Ela souou mais abrupta do que pretendia. Ele a encarou com calmos olhos azuis que não revelavam nada. Parecia que não era nem boa nem má notícia para ele.

“Você tem um comprador”, afirmou ele com cuidado. Não havia questionamento. Ela assentiu.

“Talvez você o conheça. Ele comprou as terras vizinhas no ano passado. David Kelly?”

Wilson assentiu. “Sei quem é”, ele respondeu baixinho, fechando os lábios como se tivesse medo de deixar escapar muitas palavras.

“E...” foi aí que ela se sentiu constrangida, “receio que ele deseje tirar todos os animais do terreno.”

“Você vai vender logo, então?”, ele perguntou, como se algo mais lhe tivesse ocorrido.

“Assim que possível.”

Ele recolheu suas palavras como um garimpeiro, arrastando-as de alguma mina profunda. “Vai levar um tempo para resolver as coisas, algumas das vacas estão amamentando e as ovelhas...”

“Ah, sim, as ovelhas”, ela agiu rapidamente. “Estou sabendo que você tem sublocado para Seymour Baldwin nos últimos anos.” Deixe a ficha cair, ela pensou. A terra era dela. Hora de se impor. As sobrancelhas do homem se levantaram ligeiramente. Ela esperava tê-lo pego desprevenido, para ensinar a lição. Ele não podia pensar que ela era uma tola.

Irritantemente, ele deu de ombros. “Seu pai sabia disso, eu disse a ele vinte e cinco anos atrás que Seymour usaria alguns desses campos. Seu pai sabia.”

“Mas minha mãe não,” rebateu Jane, pega de surpresa. “Acredito que você nunca tenha lhe informado. E se ela não sabia, eu também não tinha como saber. Eu não sabia nada sobre esse acordo até dois dias atrás.”

“Não era nenhum segredo. Quem contou? Kelly, suponho,” comentou ele com outro movimento de sobrelance. “Isso será difícil para Seymour,” murmurou. “Ele está velho. Precisa daquela terra para suas ovelhas pastarem.”

Foi a vez de ela dar de ombros. “Bem, infelizmente, isso não é problema meu.” Ela ouviu a si mesma, parecia uma vaca sem coração. Ela não gostava de pensar em Seymour Baldwin não ter um local para o pasto. Realmente existiam fazendeiros pobres, ela sabia, quando chegava a velhice e as doações acabavam. Ocorreu-lhe que ainda podia pedir a Kelly para aguardar. Talvez ele estivesse forçando a negociação rápido demais. Talvez ele tivesse agido rápido demais, e ela também. Como o merdinha ganancioso que ela suspeitava que ele fosse, na divisa ao norte, escavando o máximo de acres que conseguisse para construir seu pequeno império. Ah, eles estavam todos perdidos, esses homens; nenhum feliz, todos gananciosos. Ela mesma possivelmente não fosse muito melhor.

“Eu não queria vender a terra,” ela continuou, tentando ajustar o tom, “mas o fato é que eu não posso cuidar dela. Eu não moro aqui. Vivo em Drogheda.”

“Eu sei,” Wilson praticamente sussurrou. “Drogheda, às margens do Boyne,” ele continuou como se perdido em pensamentos.

“*Pelas verdes encostas de relva do Boyne, de fato.*” A letra saiu antes que ela pudesse conter a si mesma ou ao rubor profundo que subiu ao seu rosto. Aquela música religiosa que ela ouvia com frequência no passado. A Batalha de Boyne, 1690, raiz de tanto ódio quando Guilherme III, Príncipe de Orange, derrotou o católico Rei Jaime. Um verdadeiro banho de sangue, os campos embebidos nele, em sangue e carne e excremento humano, tanto que o lugar foi fertilizado para os próximos séculos, diziam alguns, e estava cheio de fantasmas errantes.

“Desculpe”, ela comentou. “Essa música... Sempre gostei dessa ambiência, sabe? Não significa nada, apenas cria uma ambiência bonita com uma letra doce, você não acha?” Pare de desenterrar, Jane, pare agora, *pare*, sua idiota.

Agora ele estava olhando fixamente para ela, seus olhos azuis perfurando-a, o rosto como uma ardósia de incompreensão. Ela o insultou. Não foi intencional, mas havia insulto nessas palavras, evocadas tão facilmente, como um bunker de merda do passado pronto para explodir no presente da maneira mais intrusiva.

“De qualquer forma,” ela tentou recuperar terreno, “se você puder pedir a Seymour para, por favor, retirar suas ovelhas assim que possível. Digamos, dentro de dois meses?”

Wilson não respondeu. Assentiu e se afastou dela, enquanto ela se afastou dele e caminhou rapidamente para seu carro. Entretanto, ela não estava contente. Ela não sentiu muito, exceto confusão e aborrecimento. Principalmente consigo mesma, por não entender

os costumes das pessoas que trabalhavam com a terra. Seu falecido pai não ficaria feliz com a forma como ela tinha lidado com as coisas.

Olhou pelo retrovisor do carro enquanto saía da garagem e notou a filha de Wilson na varanda, regando uma calha de granito cheia de amores-perfeitos. Seu cabelo caiu casualmente de seus ombros quando ela se abaixou, ao borrifar levemente as plantinhas de primavera. Mais uma vez, esse afastamento. Seu mundo estava seguro. Seu pai possuía terras e havia alugado as dela, mas tudo estava bem e eles tinham prosperado. Se vendesse para Kelly, ela ficaria sem terras. Não teria nada além do dinheiro. Precisava pensar. Manter Kelly à distância. Ela ainda poderia devolver o dinheiro que ele lhe dera.

Nos meses seguintes, toda vez que ela se sentava para secar o próprio cabelo, uma imagem da cabeleira ruiva da filha casada de Wilson flutuava em sua mente. Ela não conseguia, por nada nesse mundo, entender por quê.

WALKING GHOSTS

Mary O'Donnell

In February, Jane's mother died. That spring, the tantalising expectation of land coming on the market, like the unignorable reek of sprayed manure, rose in the air above the fields, twisted its way through the hedges, beneath the branches and entered the nostrils of several farmers.

Once David Kelly got wind of Maggie Mooney's death, he wasted no time in offering to come down from Tyrone. It was too soon, Jane said on the phone in April. Her mother was hardly buried. She hadn't made up her mind about what to do. Perhaps in the autumn, he could call again.

She was in no hurry. She could do as she wished with the small farm of sweet, green fields with road frontage on both sides of the hill it spread across. There was even a lake, with fishing rights. Years before, Jane had planned on building a wood-cladded house with two huge bedrooms, an open plan layout downstairs and a separate room for her architectural practice. In a high corner of the lake field, with the choicest view of the lake itself. There would be geothermal heating, solar power, and to hell with the cost. She would move back to her home county, settle in, design for a new clientele near the border, and watch sunsets till she dropped.

But the reality of Maggie's death changed her thinking over the summer as she packed up the old house, as her heart creaked and flaked with absence. Thoughts of her silver-haired mother churned constantly in her brain. She had lain, a small, patient form awaiting release, in the downstairs sitting-room for three months before the end, stiffening, her voice weakening, although there was nothing in particular wrong with her apart from the arrival of death. There was also the material loss of things she now had no room for. Attachments, even if useless. She learned more about people's tastes. How nobody wanted brown furniture or beautiful old china, nor did they have any appetite for chased silver. Maggie's dark and gleaming mink coat had gone to one of her carers, who liked such things, even if it would never fit her and would probably be sold. Everything came down to bucks and advantage.

At work, she designed houses. If people were happy, then her job was done. Clients wanted sun-and-light attracting shapes as extensions so that they could bring the garden in, whatever that actually meant. They wanted modern leathers and marble and granite and polished concrete, they wanted brushed brass taps and Belfast sinks. She watched as several of her mother's Edwardian dressing-tables and wardrobes entered the skip at the back of the house. Some pieces she gave away to younger people who would upcycle them, which meant eau-de-nil paint and then a bit of sanding to make them look worn and antique although they already were feckin antique.

The place sold quickly, apart from the other farm, which was on the other side of the road, and a separate matter. In no time, the new couple informed her they'd be demolishing the house. What they were on the brink of building wasn't so different from what she favoured in her practice in Drogheda. High contemporary. White. Black. Grey. Elements of rusted cladding as a feature down the west elevation. She suppressed an ironic smile when the new owner informed her that she'd be ordering a pair of peacocks, that it would be lovely to have them around the place in such a mature garden. She wondered what she would think when they began shitting everywhere, which they would, squawking around the place night and day.

The land was another matter. David Kelly, true to his word, phoned again in September. One Friday, they met in the café of a general hardware store. It was full of timber-faced women leaning in closely together, some of them masked, others not. The noise of the coffee machine was deafening, but the Greek salad she stuffed into herself reminded her of the last holiday she'd spent with Maggie, in Rhodes. That was before travelling with her mother would have required an army of helpers, before it all became too much for Jane, who used to travel with tranquillisers in her bag.

Kelly had it in mind to join her land up with his other holding, recently purchased after the farmer McGrory died, leaving a bungalow with a view of the same lake Jane's adjacent land overlooked. He had ready money, he told her ...

'I can pay you fifteen smackeros, no bother, no bother at all to start with.'

She said nothing, conscious of eyes here and there flickering in their direction.

'I'll need the weekend to have a wee think,' she told him.

'Grand,' he said. 'I'm in no hurry, don't get me wrong, Jane.'

She liked the way he pronounced her name, slowly and carefully.

By Monday she called him and said her head was clear.

'What can I do with this place by myself,' she repeated her thoughts aloud on the phone. 'With my husband gone and my daughter in Perth, I can't manage. If I still lived in this area it wouldn't matter, but Drogheda is where I live.'

'Well, whatever you think, Jane, I'm not rushin' you by any means, understand? No pressure at all.'

'Oh, I do, Joe, but it's me, I can't see any other way. This is for the best.'

They agreed to meet again, this time outside the hardware store in one of the specially built coffee cabins that had been assembled because of Covid. People could still be together but not in one another's faces. This time he brought a wad of cash. Her eye followed his hand as he withdrew the thick bulk of notes from his denims, she could smell the fetid odour of used money, the stench of things found mostly in the human and animal gut. But the notes were good, and in no time, she'd slid fifteen thousand Euros worth into her straw shopper.

He had to arrange the rest of the money and would be in touch the following week. Could she come? She could, she assured him. He'd bring another tranche, another

twenty thou as an assurance. The rest she'd have to wait for but if she could take this in good faith, he'd be grateful.

'So we're going ahead?' He asked this suddenly, still in need of reassurance.

'We are,' she said quietly.

He wasn't tall. His hair was raven black and he wore his creased jeans well, even with wellies. He was clean too, smelling of fresh sweat. She liked a man who washed and sweated and then washed again. She wondered in a slightly guilty way, what Maggie would think of all this wheeling and dealing. Or her father, who'd always hoped she'd move back to build on the opposite hill from the home house.

People came and went through the hardware centre. It was a wet day. Around them as they sipped their coffee quickly, puddles filled and a curling wet mist wandered the air. A woman she knew greeted her.

'Sure, I haven't seen you since your Mammy passed,' she said, smiling.

'Ah, no worries,' Jane answered, anxious that there would be no misunderstanding about why she was speaking to a stranger in such an intimate setting. 'She slipped away in the end, helped by the morphine nurse I have to say.'

'Ah, is that so, into the arms of Morpheus, as they say,' the other woman mused. Jane waited for her to leave.

Kelly and Jane watched as the woman hurried to her car, umbrella open.

'There's one wee thing though,' he said. 'I'd like to have the land cleared before the end of next month. I need to get moving on clearing it all, trimming them hedges.'

He explained that he didn't want any animosity with the tenant farmer who had used the fields for eighteen years. But it would have to be cleared. There were cattle and sheep and did she realise that Ivor Wilson had been sub-letting to Seymour Baldwin? She stared at him blankly. He nodded to reinforce his point.

'There's a wee path along the top of the high field, you know it, a wee worn path? Fenced off on both sides?' She nodded. 'That's where Baldwin ran his sheep across to get into the lake field. That's been going on this long time, oh I'm surprised neither you nor the Mammy knew.'

He let that sit with her for a few moments. It irked her rightly, partly because Kelly thought he had one over on her, though she didn't react much beyond remarking that Wilson hadn't even sympathised with her when her mother died. As in, he hadn't driven the two miles across the road to call to the house in person. Instead, he'd sent a floppy thin card with the words *Deepest sympathies. Ivor Wilson*. She hadn't thought much of that when she read it.

They agreed that their solicitors would be writing to one another. There would be deed maps to scrutinise, but all would be well. She knew it would. Then she tantalised him with an extra two acres that belonged officially to the tranche of land he was after, but situated on the opposite side of the road, thanks to road realignment five years before. He

could have that too, she assured him. She watched his eyes brighten. He wasn't getting it for nothing. It would cost a further twenty thousand. A fair price, he'd see that, with no middle men or prats-in-offices looking for fees and percentages.

*

She returned to the town five days later and drove out to Wilson's place. He was always a name, and little else. He used to deliver the annual rent promptly each November through her mother's front door in a thin envelope with no note attached. His signature on the cheque was his word. As far as she was concerned, Wilson was fairly invisible, a tenant farmer.

It was a high and twisty road, with lusty fields on either side that belonged to her. Wilson hadn't taken any particular care with the boundaries or hedges. There'd been no trimming or shaping, but he fertilised the fields and the grass was rich and green. She'd never noticed where exactly he lived, never having had to call on him before.

She found herself before a square stone-fronted house with granite quoins and a deep lead-slatted roof. Around the door, a rambling rose she recognised as *Albertine* was coming into bloom. Could this be Wilson's home? She'd had no idea he lived in such a place. The glass on the windows was leaded, and the deep porch led to teak double-doors. There was a shining brass knocker with a lion's head, just like the less polished knocker on their own door in the old house across the hill. Below it sat a round brass doorknob with a floral motif. Thought and money had gone into the construction of the place, which was modern. Wilson had prospered.

She knocked lightly. The sound echoed within, and she could tell that the hallway was large. The door opened. The young woman who greeted her with a vague expression had to be the daughter of the house. Married, she noted from the gold ring and large diamond on her left hand.

'Is this Ivan Wilson's house?'

The girl held a mobile phone in one hand, waved it casually at Jane and said she'd call Daddy. She was pleasant but not remotely interested in her, that much was clear. Wrapped up in her own day, not unreasonably. A teacher, Jane suspected, possibly a primary teacher in the Model School, judging by the time in the afternoon, and therefore free to be home by four o'clock. Everything tickety-boo about her appearance too. The short skirt, slim legs in snug brown suede ankle boots, a tight-fitting green top with a frill on each shoulder, and hair that flowed out and round her shoulders in an auburn mass.

No sooner had the daughter phoned her father, than Ivan Wilson appeared as if out of nowhere. She assumed he must have been down in one of the barns with the fancy metal flashing towards the back of the property, and heard her car approach. He had the face of a traditional farmer. A solid face. An honest face. An I'm-no-fool flat clock face. But equally, she could imagine him in a farmer's smock, the kind of attire worn in the wilds of Sussex in the nineteenth century. At this, she suppressed a smile.

‘Yes?’ He faced her and waited.

‘You probably know who I am,’ she replied, reaching to shake his hand. His quick clasp was firm and dry, neither weak nor overbearing.

‘I do indeed,’ he answered politely. He waited. That made her slightly nervous. There was no follow-up, no pleasant cotton-wool kind of sentence like the kind that she was accustomed to. No oh, you’re JD’s daughter, a true gentleman if ever there was one, no ah, wasn’t I sorry your dear mammy passed, though quickly from what I hear. None of that. So she turned square to him.

‘It’s about the land,’ she began. ‘I’ll be selling.’ She sounded more abrupt than she’d intended. He held her gaze in calm blue eyes which gave nothing away. It seemed this was neither good nor bad news to him.

‘You have a buyer,’ he stated carefully. It was not an enquiry. She nodded.

‘You may know of him. He bought the adjacent fields last year. David Kelly?’

Wilson nodded. ‘I know of him,’ he replied quietly, shutting his lips as if afraid of letting too many words escape.

‘And—’ this was where she felt awkward, ‘I’m afraid he’ll be looking to have the land cleared of all beasts.’

‘You’re selling soon then?’ he asked, as if something else had struck him.

‘As soon as possible.’

He gathered his words like a prospector, dragging them up from some deep mine. ‘It’ll take me a while to get things sorted, some of the cows are in calf, and the sheep—’

‘Ah yes, the sheep,’ she moved quickly. ‘I am aware that you’ve been sub-letting to Seymour Baldwin these past years.’ Let that sit, she thought. It was her land. Time to assert herself. His eyebrows rose slightly. She hoped she’d caught him unawares, to teach him. He needn’t think she was anybody’s fool.

Infuriatingly, he gave a slight shrug. ‘Your father knew about this, I told him twenty-five years ago that Seymour would be using a few o’ them fields. Your father knew.’

‘But my mother didn’t,’ Jane countered, caught off guard. ‘I don’t believe you ever informed her. And if she didn’t know, neither could I have known. I knew nothing of this arrangement until two days ago.’

‘It was no secret. Who informed you? Kelly, I suppose,’ he remarked with another flicker of his brow. ‘This’ll be hard on Seymour,’ he murmured then. ‘He’s an old man. Needs that land to graze his sheep.’

It was her turn to shrug. ‘Well that’s not really my concern, I’m afraid.’ She heard herself, she sounded like a heartless bitch. She didn’t like to think of Seymour Baldwin being stuck for grazing. There really was such a thing as a poor farmer, she knew, when old age arrived and the grants dried up. It struck her that she could still ask Kelly to hold off. Maybe he was pushing the whole deal through too quickly. Maybe he was too quick, and she too. On the make like the greedy shit she suspected he might be, from across the

border in the North, scooping up as many acres as he could to build his little empire. Oh, they were all hopeless, these men, none of them happy, all of them grasping. Herself perhaps no better.

'I don't like selling the land, she went on, trying to adjust her tone, 'But the fact is I can't look after it. I don't live here. I'm over in Drogheda.'

'I know that,' Wilson practically whispered. 'Drogheda, by the Boyne,' he went on as if deep in thought.

'By the green grassy slopes of the Boyne, indeed.' The lyric slipped out before she could stop herself or the deep blush that rose to her face. That sectarian song she'd heard frequently in the past. The Battle of the Boyne, 1690, root of so much hatred when William of Orange defeated the Catholic King James. A right bloodbath, the fields steeped in it, in blood and skin and human ordure, so that the place was fertilised for the coming centuries, some said, and filled with walking ghosts.

'Sorry,' she remarked. 'That song . . . I always liked that air, you know? It means nothing, just a pretty air with a sweet lyric, don't you think?' Stop digging, Jane, stop now, *stop*, you twat of a woman.

Now he was staring hard at her, his blue eyes boring into her, face like a slate of incomprehension. She'd insulted him. It was unintentional, but there was insult in those words, called up so easily, like a bunker of shit from the past ready to explode over the present in the most meddlesome of ways.

'Either way,' she tried to recover ground, 'if you could ask Seymour to please remove his sheep whenever he can. Say, within two months?'

Wilson didn't reply. He nodded and turned away from her, and she turned away from him and walked briskly to her car. She didn't feel brisk though. She didn't feel much except confusion and annoyance. At herself mostly, for not understanding the ways of people who worked the land. Her late father would not have been happy at how she'd handled things.

She glanced in the car mirror as she pulled out the drive, and noticed Wilson's daughter in the porch now, watering a granite trough full of pansies. Her hair fell casually forward from her shoulders as she bent down, water spraying lightly on the spring plantings. Again, that remoteness. Her world was secure. Her father owned land, and had rented theirs, but all was well and they had prospered. If she sold to Kelly, she'd be landless herself. She'd have nothing but the money. She needed to think. Keep Kelly at a distance. She could always return the money he'd slipped her.

For months afterwards, every time she sat blow-drying her own hair, an image of Wilson's married daughter's big head of auburn hair would float up in her mind. She couldn't for the life of her understand why.